



TRANSITORIEDADE EM CONSTRUÇÃO

LA TRANSITORIEDAD EN CONSTRUCCIÓN

TRANSIENCE IN CONSTRUCTION

Carlos Antônio Moreira Gomes¹

Resumo

A pandemia colocou em xeque os modos de produção e impactou em todas as camadas que envolvem o fazer artístico. Recorro, neste texto, a uma experiência particular como programador de artes cênicas do Itaú Cultural para apresentar dados e refletir sobre este contexto de grandes desafios e transformações para a arte.

Palavras-chave: programação cultural; teatro na pandemia; Itaú Cultural.

Resumen

La pandemia puso en tela de juicio los modos de producción e impactó a todas las capas involucradas en la creación artística. En este texto utilizo una experiencia particular como programador de artes escénicas en Itaú Cultural para presentar datos y reflexionar sobre este contexto de grandes desafíos y transformaciones para el arte.

Palabras Clave: programación cultural; teatro en la pandemia; Itaú Cultural.

Abstract

The pandemic called into question the modes of production and impacted all the layers involved in artistic making. In this text, I use a particular experience as a performing arts programmer at Itaú Cultural to present data and reflect on this context of great challenges and transformations for art.

Key Words: cultural programming; theater in the pandemic; Itaú Cultural.

¹ Bacharel em Artes Cênicas pela Unicamp desde 2001 e formado em Pedagogia pela UFSCar desde 2016. Integrante do Grupo do Santo (1998 a 2005). Idealizou e dirigiu o projeto "Esse Teatro dá Samba" com jovens da região do Jardim Ângela, sendo contemplado pelo Programa VAI (2006 e 2007). Recebeu o Prêmio Pesquisador 2008 do CCSP onde pesquisou samba paulistano publicando 1 livro e 7 curtas documentários "Um batuque memorável no Samba Paulistano". Coordenou o programa de Fomento ao Teatro (2014-2015). Atualmente é coordenador do núcleo de artes cênicas no Itaú Cultural (desde 2016).

* * *

Era março de 2020, a confirmação sobre a epidemia do Covid-19 instalada também no Brasil trouxe pânico nos levando a tomar medidas de isolamento social e assolando as consciências em incertezas sobre saúde, trabalho, morte, vida e uma estranha noção do que é contar com o momento presente, nada mais. Neste contexto, a discussão do que era essencial tomou força e tudo aquilo que se dá a partir da relação entre pessoas, como exemplo de espetáculos de dança e teatro, precisou ganhar outros formatos. Reinventar pra existir. As notícias não eram animadoras, não sabíamos quanto tempo duraria a quarentena, depois apelidada de infinita. Houve assim um choque e uma resposta rápida era necessária.

Vale refletir o quanto o processo de globalização transformou as relações e as noções de tempo e espaço, tornando-as híbridas, o que de algum modo se refletiu na arte. Segundo Renato Ortiz (2000) a pluralidade, a heterogeneidade, a diversidade e a flexibilidade fazem parte do mundo contemporâneo, assim como da arte contemporânea, pois ela incorpora influências da cultura. No contexto da pandemia tudo isto parece ter tido um efeito radical, levando artistas da cena presencial a embarcarem num contexto virtual como a única possibilidade de resistir, sobretudo nas questões mais particulares que seguem os entraves políticos do nosso país. Um desafio e tanto.

“[...] Contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro. Todos os tempos são, para quem deles experimenta contemporaneidade, obscuros. Contemporâneo é justamente aquele que sabe ver essa obscuridade, que é capaz de escrever mergulhando a pena nas trevas do presente.” (AGAMBEN, 2009, p 62-63).

Ou seja, muitos elementos a pensar a partir desta ótica de Agamben. Num primeiro exercício, talvez seja muito fácil perceber os obscurantismos que atravessamos, mas ele não trata somente de identificar o obscuro, mas sim da escrita feita a partir dele. Contudo, diante da falta de políticas públicas para a cultura nacional e das imposições do isolamento social o artista parece ser colocado numa grande armação para ceifar sua presença. Deste modo, as artes passam a ambientar um espaço restrito e remoto do campo virtual, para compartilhar com o público as implicações, percepções,

leituras que este nosso contemporâneo nos dá, sendo que ela própria terá que criar condições e possibilidades de produção.

A tecnologia digital não é novidade no campo das artes da cena, há anos temos experimentos e resultados expressivos neste campo. Mas o ineditismo de todos os espaços culturais fechados e as relações entre artistas e público se dando por meio do campo virtual, como resultado da pandemia do Covid-19, vem demonstrando ser o grande marco no século XXI. Vivemos uma época que não privilegia transição e adaptação, para isso não há tempo. Vamos direto viver cada situação que se sobrepõe em contextos sociais, políticos, econômicos, sanitários. Tudo.

Diante dos fatos de tantos artistas com trabalhos cancelados e sem perspectivas, recorro a uma experiência particular como programador cultural, pois esta situação pandêmica colocou em xeque os modos de produção e impactou em todas as camadas que envolvem o fazer artístico. Logo no início do isolamento, o Itaú Cultural lançou o primeiro de uma série de editais emergenciais para, de algum modo, diminuir os efeitos ainda desconhecidos naquele momento. A primeira convocatória era das artes cênicas, englobando teatro, dança, circo, performance, com trabalhos que poderiam ter sido gravados antes ou durante o período de isolamento. Não havia limite de duração. Trabalhos cênicos gravados com câmeras paradas, poderiam ser inscritos. Selecionaríamos 100 trabalhos de uma convocatória de alcance nacional. Por fim, nos cinco dias de inscrição, o resultado era de 7.239 inscritos. No caso das artes cênicas fora resolvido selecionar 200, o que ainda assim era um número pouco expressivo diante dos mais de 7000. E as demais áreas, como música, artes visuais, audiovisual, literatura, enfim, seguiram em suas edições após o debute de cênicas. Neste contexto, a forma de assistir trabalhos artísticos, elaborar programação e até mesmo de criar teve uma profunda transformação.

Nestes cinco dias de inscrição já foi possível perceber uma dinâmica bastante interessante nos modos de produzir. As inscrições que se deram nos últimos dias, maior parte composta por trabalhos criados no isolamento, sobretudo durante aquela própria semana, apresentou resultados que traziam um forte diálogo no modo de produzir com as imposições pandêmicas, pois ali já havia a relação com os cômodos das casas, das brincadeiras com objetos numa pia, numa mesa, numa janela, num banheiro, no recurso de luz solar, da escuridão noturna, dos temas da saudade, da participação de familiares

não artistas nos trabalhos, da escolha da fotografia apresentando seus sertões, favelas, rios, enfim, das invocações e registros possíveis. Os processos dramaturgicos não estariam ilesos.

A relação entre artista e espectador se dá agora por meio de uma tela, de uma conexão de internet, de uma idéia de rede. A mesma rede que em sua primeira popularização carregou a pecha de ser a que nos aproximaria e democratizaria as informações e relações humanas. Porém, as conexões 3G, 4G, wi-fi presente em nossos aparelhos nos mostrou exatamente a radicalização da individualidade humana no cotidiano. E por ironia do destino, as experiências se tornaram tão individuais, que no isolamento de cada um, o espetáculo artístico passa a acontecer na tela do celular. E a qualidade das conexões de internet revela que tal democratização tem restrições. O teatro, a dança, o circo que então se dá no instante presente entre público e artistas, se reinventa para existir, resistir e se fazer necessário. Maria Bethânia diz lindamente em um pequeno vídeo que circula na internet: “A arte existe porque a vida não basta”, citando Ferreira Gullar e Fernando Pessoa.

Sim, houve a discussão necessária, mas não urgente, se os trabalhos via link eram teatro. De fato, se pensarmos de modo ortodoxo a discussão está encerrada. Mas, cá entre nós, o que dizer quando ao final de uma apresentação via Zoom, do espetáculo Só, de Alex Grulli, exibido em setembro de 2020, ao abrir espaço para uma conversa entre artistas e público, alguém comenta: é a primeira vez que venho ao teatro. Onde caberá o olhar ortodoxo que pretende limitar o acontecimento artístico? E não foi a única vez que alguém do público se manifestou assim. Aliás, algo que parecia demasiado em eventos presenciais, a conversa pós espetáculos, reapareceu com toda a força nos eventos online. Uma necessidade de conversar, por parte do público e dos artistas, em que se observa a marcante presença da maioria dos espectadores durante o bate-papo. Nunca é demais lembrar Duchamp:

Resumindo, o ato criador não é executado pelo artista sozinho; o público estabelece o contato entre a obra de arte e o mundo exterior, decifrando e interpretando suas qualidades intrínsecas e, desta forma, acrescenta sua contribuição ao ato criador. (DUCHAMP. Marcel. O Ato Criador. 1957.)

Muitos são os efeitos que se deram na produção artística a partir de março de 2020. A participação fundamental das tecnologias de informação (TIC) se tornaram

presentes de modo diário na vida de artistas e grupos que tem uma prática muitas vezes bastante artesanal. Um grupo como o Carroça de Mamulengos, de Juazeiro do Norte – CE, uma trupe familiar, como eles se apresentam, tendo que adaptar sua forma de apresentar criando um método de montagem de cenas que aproxima o teatro de um filme, em plano sequência, lembrando a célebre direção de Alfred Hitchcock em “Festim Diabólico”. O espetáculo “Clandestinos”, dos Clowns de Shakespeare que ao usar muitas plataformas (Whatsapp, Instagram, Zoom) constroem uma dramaturgia que mantém a relação com o público cada vez mais estreita diante de uma itinerância virtual. A T.F. Style Cia de Dança que remontou o espetáculo “ELO” a partir de montagens de quadros com a coreografia realizada simultaneamente das casas dos bailarinos com uma releitura instigante da transmissão online dos diversos quadros. Ou seja, as questões técnicas de audiovisual passam a exigir outro domínio por parte dos artistas, que muitas vezes não serão somente os intérpretes, mas os próprios técnicos aprendendo na própria lida. Saber como manusear captadores de imagem, seja o tão íntimo celular ou uma câmera profissional. A escolha do enquadramento que leva ao exercício de dominar o uso da melhor luz. E quando a captação sai dos lares e aflora para quintais, jardins, pomares, mangues, morros, caatinga. Gravar durante a noite ou o dia. A captação de som. Toda a circunstância técnica é agregada à dramaturgia, antes ambientada numa caixa preta. Possibilidades à mão? Escolhas que interferem no trabalho? É a resposta que o artista está pronto para dar e deve saber bem que não é para competir com a Netflix ou com as emissoras de TV e suas qualidades de imagens absolutas. Qual o seu diferencial? E por mais que ele faça de um palco italiano, o que as experimentações pandêmicas nos traz é a abertura de uma outra frente de criação que ainda não havia sido tão fortemente experimentada e difundida. Então, não se trata somente de um registro de espetáculo, é sim uma relação que ainda se dá e se faz na interação com o público. O criador que dá o arremate da obra, sim, porque o público também cria junto. Assim como o ator, ele exercita o músculo da imaginação, como quando lemos um livro, ouvimos uma música, ou mesmo, vamos ao teatro.

Os desafios se complicam quando pensamos nos ensaios remotos, na direção de cena, treinos coreográficos, criação de números circenses em salas de apartamento. Que novo olhar o diretor ou coreógrafo traçam ao mediar seu ofício por uma câmera e internet? As pesquisas em grupo? Os cursos que se reinventaram? As aulas? Enfim, a proposta não é romantizar tal transformação, por mais difícil que seja não enquadrar

assim ao apontar tamanho feito destes trabalhadores que há anos vem sofrendo retaliações por uma onda conservadora e intolerante que assolou o país. De todo modo, estamos aprendendo a conviver com mais intimidade junto às tecnologias da informação numa direção que talvez jamais experimentaríamos se não fossemos privados do convívio. E deste modo, aumentamos esta frente de “tecnovívio”, termo cunhado por Jorge Dubatti, a que tudo indica estará mais presente em nosso cotidiano mesmo com a tão desejada reabertura dos espaços culturais.

Ainda estamos muito dentro deste processo em que a arte da presença está tão ligada às tecnologias digitais e por isso, talvez seja necessário mais tempo para análises mais profundas e compreensão do que estes impactos trazem. Porém, é clara a capacidade dos artistas em acolher as condições e trabalhar a partir delas. Por outro lado, vale lembrar que nem sempre os efeitos da tecnologia foram bem vistos para as relações humanas, justamente pela capacidade dela potencializar os individualismos. Curioso, que justamente agora, são as tecnologias que podem nos conectar e ajudar a romper tais individualismos. Como se entrássemos num processo de reeducação para entender estas ferramentas como nossas pontes e não como nossas barreiras. E os artistas, produtores, técnicos, gestores culturais estão sendo desafiados a ajudar na prática dessas pontes. A citação a seguir é de uma época muito diferente da realidade de 2020/2021, eram meados dos anos 60.

Os efeitos da tecnologia não ocorrem aos níveis das opiniões e dos conceitos: eles se manifestam nas relações entre os sentidos e nas estruturas da percepção, num passo firme e sem qualquer resistência. O artista sério é a única pessoa capaz de enfrentar, impune a tecnologia, justamente porque ele é um perito nas mudanças da percepção. (MCLUHAN, 1964, p. 34)

Numa reflexão sobre arte e mídia como a que estamos tratando aqui, vale citá-la como um ponto de atenção de que a tecnologia poderá ser um meio mais revolucionário para as relações humanas, do que utilitário. E o meio é a mensagem, não é Mcluhan? Eis um desafio para toda a humanidade que foi obrigada a olhar para si, a contar menos com o futuro e aprender a lidar com uma única certeza, o Agora. E sim, os artistas estão segurando uma lanterna para nos apontar outras percepções.

Referências:

AGAMBEN, Giorgio. **O que é contemporâneo? E outros ensaios**. Chapecó, SC: Argos, 2009.

DUCHAMP. Marcel. **O Ato Criador**. In: BABCOCK, Gregory. A Nova Arte. São Paulo: Editora Perspectiva. 1980.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como Extensão do homem**. São Paulo: Editora Cultrix, 1964.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2000.